

Cristianismo e Mulher

Bianca Daébs*

Propomos neste texto discutir um pouco acerca da proposta do cristianismo em sua origem, no que tange às relações entre homens e mulheres. Percebermos, como o discurso da exclusão e inferioridade da mulher foi utilizado como forma de invisibilizar e silenciar a participação destas no processo histórico de construção e expansão do cristianismo. Por fim, gostaríamos de refletir de que modo nós mulheres cristãs, e neste caso específico, anglicanas no Brasil, temos contribuído em nossas relações sociais, eclesiais e teológicas para a manutenção ou ruptura do discurso oficial e sacralizado acerca do "ser mulher".

1. Uma Religião de Contestação

Em seu texto sobre "Paidéia Grega e Cristianismo Primitivo"¹, Jaeger argumenta que o cristianismo ganha notoriedade e conseqüentemente adeptos e adeptas entre os gentios, porque sua proposta religiosa contrastava diretamente com a religião greco-romana. A religião dos gregos e romanos era fatalista, cabia ao ser humano cumprir o designo traçado pelos deuses e deusas. Era ainda, a religião que legitimava a situação política, e a manutenção de um sistema social cujo número de excluídos era significativamente alto, entre eles: mulheres, escravos e servos.

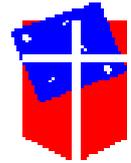
Nesse contexto o cristianismo surge como uma religião de contestação, oferecendo a possibilidade de escolha: você faz seu destino e, por isso, pode optar por outra religião. Pode escolher entre o céu ou o inferno; pode inclusive, subverter a ordem social e política vigente. Dizer sim ao cristianismo, era em muitos aspectos, dizer não a César. Isto porque a proposta cristã não estava situada apenas no âmbito espiritual; ela é, ao mesmo tempo, política e social. O Reino de Cristo trazia uma proposta de igualdade de condições entre homens e mulheres, escravos e livres, judeus e gentios. Pelo menos é isso que o apóstolo Paulo registra em sua carta aos Gálatas 3.27-28: "*Pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há Judeu nem Grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.*"²

A julgar por esses princípios, a proposta do cristianismo é apaixonante e encantadora, uma esperança de dignidade a ser construída entre irmãs e irmãos que

* Bianca é leiga, professora de Filosofia, Teologia e História e reside em Salvador (BA).

¹ Jaeger, Werner. Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega. Cap I. P 10-15

² Bíblia Sagrada. Novo Testamento. Gálatas 3.27-28



partilham um ideal comum. Mas isso não a tornou simples ou fácil. Não foram poucas e poucos que arriscaram, muitas vezes custando suas próprias vidas na divulgação e expansão na nova fé. Todavia, é preciso reconhecer que existe um hiato entre: entender, crer e praticar. E que todos e todas nós em algum momento vacilamos nesse tripé.

Penso que algumas atitudes do apóstolo Paulo refletem bem a relação conflituosa entre o ideal proposto pelo cristianismo e as tensões políticas e sociais vivenciadas no contexto em que fora forjado e que se encontrava inserido. Embora pregasse a igualdade de condições entre homens e mulheres, o apóstolo cedeu às pressões de uma tradição patriarcal, androcêntrica e mesquinha, que dava manutenção aos vícios de um sistema miserável de exclusões. É assim que ele pede às mulheres da Igreja de Corinto que se calem e aprendam em casa com seus maridos³, e depois prega a submissão da mulher⁴, em lugar de uma proposta de parceria e companheirismo, em que as relações são mediadas e não impostas.

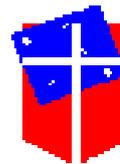
Desse modo, a busca pela aceitação da nova religião através dos processos de institucionalização, faz com que o cristianismo deixe de ser o contraponto de uma sociedade injusta que oprime e invisibiliza mulheres e escravos entre outras e outros, e passe a ser uma religião que legitima esses mesmos processos. Daí em diante, quase nos perdemos de vista... quase nunca lembramos da proposta redentora de nossos corpos e espíritos, que teria sido o legado do cristianismo para todas e todos, não fosse, o trabalho árduo dos pais da igreja e reformadores, que se esforçaram teológica e eclesiologicamente para tornar cristã a inferioridade da mulher e a demonização do feminino.

Esta demonização e inferioridade tornam-se explícitas quando analisamos a interpretação patriarcal do mito de Eva que tem se perpetuado histórica e socialmente, sobretudo através da retórica e da oratória dos pais da igreja, e sendo continuada nos reformadores. Percebemos seus discursos ostentados como verdade divina através do clero e da publicação de suas literaturas. Tais discursos têm oprimido e invisibilizado um número significativo de mulheres, principalmente as latinas e africanas já marginalizadas por condições sociais políticas e econômicas.

³ “As mulheres estejam caladas na igreja; por que lhes não é permitido falar, mas estejam sujeitas como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos, por que é indecente que as mulheres falem na Igreja.”

I Cor. 14. 34-35

⁴ “Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos. A serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada.” Tt.2.5-6



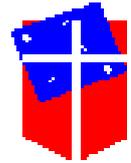
2. O Legado Patriarcal do Cristianismo

É fato que o patriarcalismo não é característica só do cristianismo. Este é um legado que remonta há muitas culturas e religiões. Mas de acordo com a maior parte da teologia cristã tradicional, a propensão ao pecado e à desordem, já não é potencial, mas efetiva, e a mulher é particularmente responsável por ela. Dentro da história do cristianismo, a subjugação da mulher é tanto reflexo de sua natureza inferior quanto punição por sua responsabilidade pelo pecado. Este padrão da antropologia patriarcal pode ser ilustrado em toda a linha da teologia cristã clássica desde os tempos antigos até os modernos. Mencionaremos particularmente *Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero e Calvino*.

“Como, então, disse-nos o apóstolo que o homem é a imagem de Deus e, por conseguinte, está proibido de cobrir sua cabeça, mas que a mulher não o é e, por conseguinte, se lhe ordena que cubra a cabeça? A menos, certamente, de acordo com aquilo que eu já disse quando tratava da natureza da mente humana, que a mulher, junto com seu próprio marido, seja a imagem de Deus, de modo que a substância toda possa ser uma única imagem, mas, quando se faz referência a ela como companheira e ajudante, o que concerne somente à mulher, então ela não é a imagem de Deus, mas, no que concerne somente ao homem, ele é a imagem de Deus de maneira tão plena e completa como quando a mulher também está juntada a ele em um. (De Trinitate, 7, 10)⁵

Em seu exame da imagem de Deus, refletida na Trindade, é possível perceber quão secundária é a mulher enquanto possuidora da imagem de Deus. Só o homem possui a imagem de Deus de modo normativo. Tomás de Aquino dá continuidade à tradição agostiniana, mas torna literal o “simbolismo” da mulher em relação ao lado inferior do eu ao aceitar uma teoria biológica da inferioridade da mulher. Ele adotou a definição aristotélica da mulher como “homem bastardo”. De acordo com a biologia aristotélica, o sêmen masculino fornece a “forma” do corpo humano. O papel reprodutivo da mulher contribui só com a matéria que “empresta carne” a esse poder formador do sêmen masculino. Em termos normativos, toda inseminação masculina deveria produzir outro homem à imagem de seu pai. Mas, por algum acidente, essa forma masculina algumas vezes é subvertida pela matéria feminina e produz um espécime humano inferior ou defeituoso, ou a mulher. Essa inferioridade toca a natureza inteira da mulher. Ela é inferior no corpo (mais fraca), inferior na mente (menos capaz de razão) e inferior moralmente (menos capaz de vontade e auto-controle moral). Assim os pais da Igreja e os “santos teólogos” percebiam a mulher e o elemento feminino na durante a idade média.

⁵ De Trinitate. Santo Agostinho



Em seu livro *“Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica”*, Duncan Reily⁶ no capítulo em que trata dos Ministérios Femininos na Igreja Moderna, comenta que a Idade Média foi um tempo de pouca abertura aos ministérios femininos. E que o mundo da Reforma e Contra Reforma tampouco ofereceria muitas novas oportunidades para as mulheres cristãs praticarem seus ministérios. Mas segundo ele, a relativa esterilidade da Reforma no que tange aos ministérios da mulher, porém, não se deve à teologia em que o movimento se alicerçava. Fazendo uso de uma hermenêutica crítica feminista, *Duncan* faz sua análise dos princípios da reforma:

“Só a graça (sola gratia) que Deus oferece livremente a todo ser pecaminoso, a qual é apropriada por mulheres e homens, por meio de sua confiança no Cristo de Deus (sola fide) – eis uma firme base para uma compreensão não sexista da redenção! Só a escritura (sola scriptura) por sua vez é um chamado para redescobrir e reapropriar a revelação de Deus na sua plenitude e abrangência, inclusive a sexualidade e a igualdade entre mulher e homem como intentos de Deus, a maternidade de Deus e a riqueza dos ministérios da mulher cristã que a Bíblia registra. (...) finalmente não deve ser esquecido o princípio do sacerdócio universal de toda pessoa que crê em Cristo, base firme para a plenitude do ministério feminino”⁷.

Rosemary Ruether⁸, quando comenta acerca da leitura que se faz da mulher a partir da reforma protestante, concorda com Duncan que de fato houve algumas modificações que abrem espaço para uma leitura mais justa onde homem e mulher estão colocados em pé de igualdade diante de Deus. Trata-se do “sacerdócio universal dos crentes”. Todavia ela considera que o problema consiste no fato de que esse princípio não se converte numa mudança essencial na linha da antropologia patriarcal, talvez por isso, o “sacerdócio universal dos crentes” não trouxe na prática a igualdade de condições entre homens e mulheres proposto em sua teoria.

Segundo, Rosemary Ruether⁹, o próprio Lutero recorre à tradição monástica e mística ao asseverar que, na criação original, Eva teria sido igual a Adão. Ele sugere que a Eva original nem pode ser conhecida mediante referência à natureza atual da mulher. Pois a punição de ser agora sujeita ao homem foi imposta a ela após o pecado, assim como os demais incômodos e perigos: trabalho de parto, dor e inúmeras outras aflições. Portanto, Eva não era como a mulher de hoje é: seu estado era muito melhor e mais excelente e ela não era inferior a Adão em nenhum sentido, nem quanto às qualidades do corpo nem quanto às da mente.¹⁰

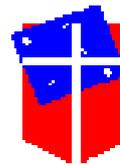
⁶ REILY, Duncan. *Mistérios femininos em perspectiva histórica*. Cap 3

⁷ DUNCAN A Reyle, *Ministérios femininos em perspectiva Cristã*. p 155-156.

⁸ RUETEHR, Rosemary. *Sexismo e Religião* .p.= 78

⁹ Idem, p 82

¹⁰ Apud. RUETHER, Rosemary. P. Opus Cit. P. 86



Lutero acreditava que, como punição pela queda a mulher perdeu sua igualdade original e tornou-se inferior em mente e corpo. Agora, dentro da história caída, ela está sujeita ao homem como seu superior. Essa subjugação não é um pecado contra ela, mas sua punição por seu pecado. É expressão da justiça divina. Qualquer revolta, ou mesmo queixa, contra ela por parte da mulher significa uma recusa cavilosa de aceitar o juízo de Deus.

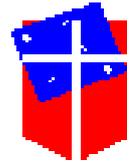
Assim, o uso que Lutero faz da doutrina da igualdade original de Eva com Adão não se converte em fonte para uma reavaliação teológica da subjugação histórica da mulher. Pelo contrário, simplesmente aprofunda a repreensão feita a ela como alguém cuja pecaminosidade causou a perda dessa igualdade original e fez por merecer o castigo da subjugação.

Quanto à tradição calvinista ela argumenta que João Calvino relaciona equivalência e subordinação de modo diferente de Lutero e da tradição católica anterior. No calvinismo, as mulheres não só eram, mas são equivalentes aos homens na imagem de Deus. Em sua natureza essencial, elas têm tanta capacidade para consciência e as coisas espirituais quanto os homens. A subordinação das mulheres aos homens não é uma questão de inferioridade nem na natureza nem na história caída. Reflete, antes, a ordem social criada por Deus, pela qual ele ordenou o domínio de alguns e a subjugação de outros: governantes sobre súditos, senhores sobre servos, maridos sobre esposas, pais sobre filhos. Essa ordem hierárquica não é um reflexo de diferenças da natureza humana, mas, antes, de diferenças de cargo social designado. O homem domina não porque ele seja superior, mas porque Deus lhe ordena que o faça. A mulher obedece não por que seja inferior, mas porque este é o papel que Deus lhe atribuiu. Os cargos ou funções sociais são necessários para que haja boa ordem na sociedade.

A tradição calvinista tenta transformar a dominação masculina e a subordinação feminina numa ordem da criação positivista e legal (a Igreja) e dissociá-la das noções de uma inferioridade inata da mulher ou de sua maior propensão ao pecado.

Podemos então perceber através destas citações e comentários, que os pais da Igreja e os reformadores na pessoa dos seus mais ilustres representantes, divergem apenas quanto ao método de abordagem, mas são unânimes em afirmar em suas "elaboradas teologias" como sendo sagrada, boa e aceitável aos olhos de Deus, um Deus que também é homem, a submissão e subserviência feminina, como uma forma de punição pela queda e remissão pela culpa.

Percebemos assim que há um espaço teológico para uma leitura mais digna e justa da participação da mulher numa perspectiva social, cultural e eclesial. Mas a tensão se estabelece entre o princípio teológico do "sacerdócio universal dos crentes" e o exercício hermenêutico tradicional dos reformadores, que não se desvencilha da



leitura oficial dos Pais da Igreja. Entendemos que, mais uma vez, as tensões teológicas e sociais constituem-se em alguns dos motivos pelos quais não houveram por parte das cristãs e cristãos, como herdeiros deste legado teológico, uma apropriação dos princípios protestantes onde homem e mulher são supostamente iguais diante de Deus e da Igreja.

Entendemos, pois, que o lugar da mulher na igreja, sempre foi muito mais designado pela construção sócio-cultural, do que pelos princípios do cristianismo, que a rigor não faz distinção entre homens e mulheres, nem na remissão dos pecados nem no serviço à igreja. Todavia, temos norteado nosso comportamento muito mais, pelos interesses de poder patriarcal, que na vivência de princípios que nos torne menos desiguais.

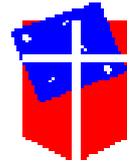
A busca pelo resgate da proposta cristã e pela sua validade entre nós perpassa pela necessidade de visibilizarmos, pessoas e vozes silenciadas pela leitura oficial e triunfalista da Igreja Cristã. Somos dicotomizadas entre os arquétipos de Evas e Maria, putas e puras, caída e regenerada, culpada e subserviente. Somos questionadas em nossa capacidade física e psíquica. Somos "humanas, demasiado humanas". É assim a leitura do feminino desde os pais da igreja até os reformadores, para quem, o sacerdócio universal, não é tão universal quando se trata das mulheres.

Desconstruir o discurso, onde nascemos necessariamente para sermos, mães, filhas e esposas perfeitas. O qual nos é imposto como providência divina para escaparmos da frivolidade da "natureza de mulher"¹¹, que é moralmente decaída; revogar a autoridade do discurso sagrado, que naturalmente nos submete à condição de "ser de segunda categoria"; não é apenas um dever, mas uma necessidade, de quem compreende a cristandade como partilha e cumplicidade, de quem gesta uma nova geração, não apenas pelo prazer e pela força de suas entranhas, mas também pelo compromisso assumido diante de Deus que é mãe e pai, e diante de nossas filhas e filhos de construirmos um espaço mais digno onde as relações sejam legitimadas pelo respeito mútuo e não por uma imposição tácita de um sobre o outro.

3. Nós, Teólogas e Clérigas entre práticas e representações.

Há duas décadas as mulheres anglicanas conseguiram a abertura eclesiástica necessária para tornarem-se clérigas. Sem dúvida, este fato por si só, é motivo de alegria e comemoração. Esperamos quase vinte séculos para vermos oficializado e reconhecido o ministério que tantas vezes assumimos. Contudo, o fato de nos tornarmos clérigas ou teólogas embora seja necessário, não é suficiente. Necessário se faz repensar nossas práticas e representações, no exercício de nossos ministérios.

¹¹ "E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada caiu em transgressão. Salvar-se-á porém dando a luz a filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade, e na santificação" | Tm 2.14-15



Em que temos feito diferença? De que forma fazemos a leitura dos textos bíblicos? Será que estamos dialogando com eles a fim de percebermos as vozes silenciadas pela tradição? Como tem sido nossa atitude pastoral em que ela reflete nosso compromisso com uma sociedade mais justa e menos excludente? Que idéia de Deus estamos construindo com nossa comunidade? Se não nos fizermos essas perguntas cotidianamente, corremos o risco de repetirmos nos espaços conquistados, o discurso que nos silenciou e invisibilizou por tantos séculos. O Patriarcado não é coisa de homens ou mulheres, é uma ideologia entranhada nas nossas teias sociais, por isso, devemos refletir sempre acerca de nossas posturas. Sabemos que não é fácil divergir no discurso e na prática, existe ônus e desconfiança no fazer de mulheres, mas se não for assim, não terá valido a pena de termos lutado pela conquista legítima de nossos espaços.